

Boa Nova para cada dia / outubro 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – S. Lucas, evangelista / S. Simão e S. Judas, apóstolos

Dom, 1 – DOMINGO XXVI DO TEMPO COMUM – Ano A

Ez 18, 25-28 / Slm 24 (25), 4-9 / Filip 2, 1-11 / Mt 21, 28-32

A liturgia deste domingo apresenta-nos, na segunda leitura, um hino retirado da carta de S. Paulo aos Filipenses. Este cântico é uma contemplação da vida de Cristo: desde o momento em que assume a nossa condição humana até à sua Ascensão, para que «ao nome de Jesus todos se ajoelhem (...) e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai». Contemplar a vida de Jesus é, para cada um de nós, modelo de vida.

O que rege a ação de um cristão não é um código de moral e de bons costumes. Não somos meros seguidores de uma lei, mas seguidores de alguém. O princípio que rege a nossa vida é a vida concreta de Jesus: aquilo que Ele fez, disse e viveu é, para nós, o critério para aquilo que fazemos, dizemos e vivemos. Por isso é tão importante contemplar a sua vida.

Por isso esta leitura é tão central para nós.

Tal como acontecia com os israelitas no deserto que, quando eram mordidos pelas serpentes, olhavam para a «serpente elevada» para serem curados, também nós somos curados na medida em que olhamos para Cristo elevado na cruz. O veneno da falsa glória que oferece o mundo não tem força diante da contemplação de Cristo morto na cruz que, *morrendo, venceu a morte*. Naturalmente procuramos a glória. Queremos vencer e ser reconhecidos. Temos necessidade de ser alguma coisa diante dos outros e, sem a contemplação da vida de Cristo, deixamo-nos inchar pelo sucesso, pela honra ou pelas riquezas. O que hoje S. Paulo nos está a dizer é que a nossa verdadeira glória, a nossa verdadeira identidade, a nossa verdadeira honra e ri-

queza está em Cristo e manifesta-se no amor, manifesta-se na medida em que nos tornamos disponíveis para os outros até à morte do nosso desejo de nos afirmarmos a nós mesmos.

Todos procuramos a glória e o sucesso! É isto que nos leva à ação e a fazer as coisas bem feitas. O problema não está em fazer as coisas bem feitas, mas em fazer sem contemplar a glória de Cristo, que por nós Se faz um de nós e assim nos mostra qual é o caminho para a verdadeira realização da nossa vida. S. Paulo começa, pois, por nos apresentar as características da comunidade cristã. A primeira é a união: contemplar Cristo leva-nos a não suportar divisões, discórdias e lutas dentro

da comunidade. E não existem boas razões para alimentar discórdias dentro da comunidade porque é a união o primeiro sinal de quem contempla Cristo. A segunda é «o conforto na caridade» e a terceira a «comunhão no Espírito». Paulo desafia-nos a termos em nós «os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus» e isto leva-nos a colocar os outros em primeiro lugar, leva-nos a uma atitude de descentramento. É a isto que nos leva o amor, é isto o amor: considerar o outro mais importante do que eu. Isto leva a que cessem as discórdias, não há concorrência, porque a única concorrência que existe é a concorrência do amor e o amor não domina mas mete-se ao serviço.

Seg, 2 – SANTOS ANJOS DA GUARDA (Memória)

Ex 23, 20-23 / Slm 90 (91), 1-6.10-11 / Mt 18, 1-5.10 [L. Santoral]

Quem for humilde como esta criança, esse será o maior no reino dos Céus. (Evang.)

Temos de ser humildes como as crianças mas, ao mesmo tempo, temos de desenvolver os nossos talentos e progredir. Temos de ser simples e não deixar que os nossos sucessos, o nosso dinheiro, o nosso talento, a nossa posição social se ponham entre nós e Deus. Para que assim seja, precisamos de muita oração, de um contacto permanente com a humildade de Deus para absorvermos. Peçamos-Lhe o equilíbrio entre o desenvolvimento das nossas qualidades e a humildade.

Ter, 3 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM

Zac 8, 20-23 / Slm 86 (87), 1-7 / Lc 9, 51-56

Aproximando-se os dias de Jesus ser levado deste mundo... (Evang.)

Jesus foi levado deste mundo por nossa causa. E nós vamos ser postos no outro mundo por Jesus (cf. Jo 14, 3). Mas o caminho é nosso. É nosso, acompanhados por Jesus. Portanto, Jesus vai para o Pai, vem buscar-nos mas antes disso já está connosco no caminho para o Pai. Hoje, o leitor compenetre-se destas realidades, contemple-as, medite sobre elas.

Qua, 4 – S. FRANCISCO DE ASSIS (Memória)

Ne 2, 1-8 / Slm 136 (137), 1-6 / Lc 9, 57-62

Quem tiver lançado as mãos ao arado e olhar para trás não serve para o reino de Deus. (Evang.)

Olhar para trás é um perigo. Tendo começado uma vida nova, nunca mais podemos olhar para trás. Nem no princípio nem no meio. Ao princípio porque estamos verdes, no meio porque temos uma falsa sensação de segurança. Jesus acautela-nos contra estas tentações. O leitor peça a graça de não olhar para trás, uma vez começado um caminho santo.

Qui, 5 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM

Ne 8, 1-4a.5-6.7b-12 / Slm 18 B (19 B), 8-11 / Lc 10, 1-12

Aceitai as palavras da minha boca. (Salmo)

Deus aceita todas as palavras. Nós é que podemos não as aceitar. Não quer dizer que Deus concorde com tudo o que Lhe dizemos, mas aceita tudo o que Lhe dizemos porque o seu amor é infinito, o seu acolhimento incomensurável. Assim temos condições para, aos poucos, irmos «afinando» aquilo que dizemos a Deus e aquilo que Lhe dizemos será cada vez mais do seu agrado porque estaremos cada vez mais em sintonia com Ele. Hoje, o leitor peça sintonia com Deus.

Sex, 6 – SEMANA XXVI DO TEMPO COMUM / 1.ª SEXTA-FEIRA

Bar 1, 15-22 / Slm 78 (79), 1-5.8-9 / Lc 10, 13-16

Quem vos escuta, escuta-Me a Mim. (Evang.)

Quem ouve o leitor, ouve Deus? Claro que não, mas, em certo sentido, podia ser que sim. Pode ser que, em certo sentido, Deus Se faça ouvir através do leitor, quando o leitor fala com uma consciência reta, quando o leitor não diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça, quando o leitor se esforça por não magoar. O leitor peça essa graça.

Sáb, 7 – NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (Memória) / 1.º SÁBADO

Bar 4, 5-12.27-29 / Slm 68 (69), 33-37 / Lc 10, 17-24

... porque escondestes estas verdades aos sábios e aos inteligentes. (Evang.)

È às pessoas intelectualmente cheias de si. Às vezes, não é preciso que sejam grandes teorias intelectuais, mas podem ser leituras que nos tiram tempo ao Evangelho, à Bíblia, a um livro espiritual. Temos que compaginar os nossos interesses intelectuais, a nossa avidez por notícias, com tempo para leituras que nos aproximem de Deus, senão a nossa alma fica cheia de assuntos intelectuais e depois os assuntos de Deus não cabem lá. O leitor faça um exame de consciência.

Dom, 8 – DOMINGO XXVII DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 5, 1-7 / Slm 79 (80), 9.12-16.19-20 / Filip 4, 6-9 / Mt 21, 33-43

A segunda leitura deste domingo é, tal como no domingo precedente, retirada da carta de S. Paulo aos Filipenses. Os versículos que precedem esta passagem falam da alegria e da paz e desafiam-nos à bondade, porque o *Senhor está próximo*. Nós só podemos viver na alegria, não na tristeza! A alegria é sinal da *consolação espiritual*, é mani-

festação de que não estamos sozinhos, é sinal da presença de Deus na nossa vida. A alegria brota do coração daqueles que estão próximos do Senhor. E como se mantém viva a alegria no coração? Mantendo-nos próximos do Senhor. A falta de alegria é sinal de nos estarmos a afastar d'Ele, porque *é próprio de Deus dar alegria*. De modo

contrário, é próprio da tentação retirar a alegria da vida.

«Não vos inquieteis», diz-nos S. Paulo. Isto é, *não estejais tão preocupados com as vossas necessidades, com os vossos limites, com as vossas falhas*. Quem está sempre a pensar nos seus problemas, fica angustiado e abafa em si a alegria do Senhor. Por vezes, estamos tão ocupados a pensar nos nossos problemas que ficamos divididos por dentro, angustiados. Sempre a pensar em nós mesmos, não temos tempo para *recordar*, isto é, para *trazer ao coração* que o Senhor está próximo! O nosso recordar é a Eucaristia, recordar que o Senhor morreu e ressuscitou por cada um de nós. É este o motivo da nossa alegria. Por isso, continua Paulo, «em todas as circunstâncias, apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com orações, súplicas e ações de graças». Todas as ocasiões, todas as circunstâncias são boas ocasiões para a oração. Todas as ocasiões são boas para bendizer o Senhor, para agradecer, para louvar e para suplicar.

A vida comporta sofrimentos e é a partir da vida concreta que a oração tem lugar. É importante pedir a Deus aquilo que mais precisamos, não porque Ele não o saiba, mas para

que o possamos receber. Ele bem sabe daquilo que precisamos, mas nós não! As graças de Deus são dons e se nós não os pedirmos não os recebemos porque, na verdade, não queremos aquilo que Deus nos quer dar. Só podemos receber aquilo que realmente queremos. Os sofrimentos, as angústias, as inquietações podem ser vividas ou como lugar de fechamento, em que me preocupo só comigo mesmo, curvado sobre mim e sobre o meu umbigo, ou então como lugar da consciência do meu limite, do meu mal, do meu pecado, da minha incapacidade, e assim são lugar em que posso *pedir o que quero* ao Senhor. Pedir a sua graça e, sem pretensões, porque os dons são oferecidos e não comprados, agradecer, agradecer sempre. Um coração agradecido é uma porta aberta para a alegria, porque é um coração que reconhece a presença do Senhor.

É importante que aprendamos a saber o que pedir. A uma criança que faz uma birra e pede alguma coisa que é fruto de um capricho, a mãe não lha dá e faz muito bem. Também nós precisamos de aprender o que pedir ao Senhor e só podemos fazê-lo através da sua Palavra. Não podemos vergar

Deus à nossa vontade, mas a nossa alegria está em aprender aquilo que realmente nos faz bem e nos ajuda a deixar de estar tão preocupados conosco mesmos.

Seg, 9 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM

Jon 1, 1 – 2, 1.11 / Jon 2, 3-5.8 / Lc 10, 25-37

Mestre, que hei de fazer para receber como herança a vida eterna? (Evang.)

Que havemos de fazer para receber a vida eterna? Em princípio, nada de especial, continuamos a fazer o que estamos a fazer. Agora, isso faz-nos é perguntar se o que estamos a fazer nos leva à (boa) vida eterna. E não só isso, mas se nos leva o mais longe possível. O leitor veja isso hoje.

Ter, 10 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM

Jon 3, 1-10 / Slm 129 (130), 1-4.7-8 / Lc 10, 38-42

Uma só [coisa] é necessária. (Evang.)

Não se pode levar esta frase de Jesus à letra. Jesus estava a dizer a Marta que naquela circunstância teria sido melhor ouvi-Lo do que estar a servir. Quantas vezes não pomos Jesus para trás por causa do mais urgente (Para depois vermos que, afinal, tínhamos tido tempo de estar com Jesus.) Hoje, o leitor peça a Jesus a graça de saber quando estar com Ele.

Qua, 11 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM

Jon 4, 1-11 / Slm 85 (86), 3-6.9-10 / Lc 11, 1-4

... clamamos: «Abba, ó Pai!». (Do Aleluia)

Abba era a forma como as crianças tratavam o pai. Nós não estamos habituados a considerar Deus como um pai muito carinhoso, como aquele que brincava connosco. Deus é, normalmente, um personagem sério. Mas ele é tão carinhoso como um pai que está sentado no chão a brincar connosco. Isto pode ser um choque para o leitor. Pode nunca ter visto Deus assim, mas o pai do Pai-Nosso é este, não é um Deus imponente e distante, lá nas alturas. Hoje, o leitor agradeça e compenetre-se desta realidade.

Qui, 12 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM

Mal 3, 13-20a / Slm 1, 1-4.6 / Lc 11, 5-13

Se um de vós for pai e um filho lhe pedir peixe, em vez de peixe dar-lhe-á uma serpente? (Evang.)

Alguns de nós, quando não tornamos o nosso mundo melhor, contribuimos para que o pai dê uma serpente em vez de um peixe. O pecado do nosso irmão começa em nós. Já começou na altura em que não o amámos. O pecado que vemos no telejornal começou no nosso coração. Peça a Deus um coração cada vez maior, meu querido leitor.

Sex, 13 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM

Joel 1, 13-15; 2, 1-2 / Slm 9 A, 2-3.6 e 16.8-9 / Lc 11, 15-26

O reino de Deus chegou até vós. (Evang.)

Com Cristo, o reino de Deus chegou até nós. Logo, o que nós temos de fazer é provocar a adesão nossa e alheia à imensidão que é Cristo no mundo. Porque existe a imensidão de Cristo dentro de nós e a imensidão de Cristo no mundo. Mas como esse mundo não abraça Cristo, compete ao leitor fazer o seu trabalho, fazer com que Cristo abrace o mundo a partir do abraço que o leitor dá a Cristo dentro de si. Hoje, abrace-se a Cristo.

Sáb, 14 – SEMANA XXVII DO TEMPO COMUM

Joel 4, 12-21 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.11-12 / Lc 11, 27-28

Feliz aquela que Te trouxe no seu ventre... (Evang.)

Hoje, o leitor agradeça a Nossa Senhora ter aceite «trazer o Menino no ventre», isto é, ser mãe do Salvador. Foi uma decisão que acarretou muito sofrimento a Nossa Senhora, mas que Nossa Senhora tomou porque estava habituada a lidar com as coisas de Deus. (De outra maneira, não se percebe como é que Deus a escolheu.) Nossa Senhora tomou aquela decisão só pela fé, porque não tinha noção nenhuma do que ia acontecer. Agradeçamos-lhe.

Dom, 15 – DOMINGO XXVIII DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 25, 6-10a / Slm 22 (23), 1-6 / Filip 4, 12-14.19-20 / Mt 22, 1-14

As narrações da Bíblia não são simplesmente um conjunto de histórias do passado, mais ou menos interessantes, que nos mostram o que aconteceu *naquele tempo*, mas são, sobretudo, como que um *espelho* no qual quem as lê pode ver representado aquilo que se passa consigo, *aqui e agora*. A parábola narrada no Evangelho de hoje é particularmente interessante: parece não ter nada a ver com a nossa vida concreta, mas, no fim, apercebemo-nos que se está a falar da nossa vida. «*Na verdade, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos*».

«*Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?*», pergunta o Senhor. Esta parábola chama-nos à responsabilidade: fazer parte do povo de Deus, fazer parte da Igreja, ser cristão não é por si mesmo uma garantia de salvação. Não basta dizer «*Senhor, Senhor*» ou «*temos por Pai Abraão*» para sermos salvos, mas é pelos frutos de conversão, é reconhecendo que só Deus nos pode transformar o coração de pedra num coração como o Coração de Jesus. A condição é reconhecermo-nos naquele irmão que diz «*sim,*

eu faço» e depois não faz para chegarmos a ser o irmão que diz que não faz, mas depois se arrepende e faz. Muitos são os chamados. Todos somos chamados, mas o eleito é aquele que escolhe livremente aderir a Cristo não só por palavras, mas com a vida!

A imagem do Esposo que recebe a esposa é muito frequente na Escritura para indicar a relação que Deus quer ter conosco: no amor, a vida de um torna-se a vida do outro. Cada um vive a vida do outro, vive para o outro. É este o reino de Deus, é a este banquete que somos chamados: a fazer da *vida de Deus a nossa vida*. Tantos são chamados, mas não querem vir. Têm coisas mais importantes para fazer do que aceitar o convite de Deus. Recusam-se a fazer da vida de Deus a sua vida. Mesmo entre aqueles que estão no banquete há quem recuse a adesão à vida de Cristo. Não basta ser cristão de palavra, é preciso «*vestir o traje*».

Esta parábola quer fazer com que nos reconheçamos neste «*amigo*» que entrou sem a veste nupcial, isto é, como cristãos que ainda não o somos plena-

mente. Só quando reconhecermos que sozinhos não podemos «vestir» a vida de Cristo, só quando experimentarmos que Cristo veio salvar os pecadores, aqueles que ainda não vivem a vida de Cristo, então poderemos reconhecer o Amor do Filho que por nós morreu e nos deixaremos habitar pela vida de Cristo.

Esta parábola não nos deve aterrorizar, mas ajuda-nos a perceber que mesmo dentro da sala do *banquete* podemos

estar fora. Mesmo estando formalmente na Igreja, podemos estar fora. Isto para que nos convertamos e percebamos que esta é a nossa condição, isto é, tantas vezes recusamos o Senhor com a nossa vida. Ele, porém, nunca nos abandona e usa sempre de misericórdia para que nos apercebamos que ainda não vivemos plenamente em Cristo e assim possamos pedir o Espírito Santo para que o nosso traje seja cada vez mais o traje de Cristo.

Seg, 16 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM

Rom 1, 1-7 / Slm 97 (98), 1-3ab.3cd-4 / Lc 11, 29-32

A sua mão e o seu santo braço Lhe deram a vitória. (Salmo)

A mão e o braço de Deus somos nós, o leitor, eu, os cristãos. Somos nós que temos de dar a vitória a Deus. A vitória das batalhas que vamos travando. A vitória sobre os desafios que nos vão aparecendo. A vitória sobre valores da sociedade tão diferentes dos cristãos, em que os nossos filhos, netos, amigos estão mergulhados e junto dos quais temos de ser testemunhas. E isso é tão difícil que temos de o pedir muito.

Ter, 17 – SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA (Memória)

Rom 1, 16-25 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Lc 11, 37-41

O dia transmite ao outro esta mensagem e a noite a dá a conhecer à outra noite. (Salmo)

O dia transmite ao dia, a noite transmite à noite; não a penumbra ao lusco-fusco. A nossa mensagem deve ser clara e adaptada ao ouvinte, deve ter empatia, deve considerar o ouvinte. Tanto a sua capacidade de compreensão como a sua capacidade de audição.

A mensagem não pode ser uma exibição do nosso ego mas sim uma festa de atenção ao outro. O leitor peça essa graça.

Qua, 18 – S. LUCAS, EVANGELISTA (Festa)

2 Tím 4, 10-17b / Slm 144 (145), 10-13.17-18 / Lc 10, 1-9

Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. (Evang.)

A nossa força é o amor, o nosso rei, o Crucificado. São coisas fracas para lidarmos com os poderes do mundo. E, no entanto, o catolicismo tem tido uma palavra a dizer, tem dado um bom testemunho da Palavra. Por intermédio de S. Lucas, que foi o evangelista dos fracos, hoje peçamos pela nossa Igreja, pelo nosso Papa.

Qui, 19 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM

Rom 3, 21-30a / Slm 129 (130), 1-6 / Lc 11, 47-54

Eu confio no Senhor, a minha alma espera na sua palavra. A minha alma espera... (Salmo)

«Mais do que as sentinelas pela aurora». Esta imagem é particularmente pungente. Estamos a imaginar a sentinela sozinha, de noite, maçada, cansada, sempre com medo de levar um tiro. A nossa espera pelo Senhor, às vezes, é como a da sentinela: esperamos, esperamos, sempre incertos de sermos rendidos (atendidos) antes de levar um tiro. É muito difícil confiarmos plenamente no Senhor, de antemão. Implica uma grande entrega ao Senhor. O leitor peça essa graça.

Sex, 20 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM

Rom 4, 1-8 / Slm 31 (32), 1.2.5.11 / Lc 12, 1-7

O fermento dos fariseus é a hipocrisia. (Evang.)

Temos de rezar para que assim não seja connosco, para que o exterior que apresentamos aos outros corresponda ao que temos cá dentro. Há situações em que é bom que não seja assim: quando recebemos um presente que achamos muito feio não vamos dizer isso. Quando estamos muito irritados não vamos

descarregar em cima do primeiro que aparece. Mas é de desejar que, normalmente, o nosso exterior corresponda ao nosso interior. O leitor reze sobre o que acontece consigo.

Sáb, 21 – SEMANA XXVIII DO TEMPO COMUM

Rom 4, 13.16-18 / Slm 104 (105), 6-9.42-43 / Lc 12, 8-12

O Espírito Santo vos ensinará (...) o que haveis de dizer. (Evang.)

E quando, sobre o mesmo assunto, o Espírito Santo ensina uma coisa a um e outra coisa a outro? É sinal que o Espírito Santo quer iluminar outras características da pessoa que não só a razão, tais como a mansidão, a humildade, a atenção ao outro. O Espírito Santo não ilumina só a razão, ilumina a pessoa toda. E é com a razão – e toda a pessoa – iluminada pelo Espírito Santo que vamos dialogar com o próximo. O leitor medite nisto.

Dom, 22 – DOMINGO XXIX DO TEMPO COMUM – Ano A

Is 45, 1.4-6 / Slm 95 (96), 1.3-5.7-10a.c / 1 Tes 1, 1-5b / Mt 22, 15-21

Todos os povos desejam a justiça, a paz, o triunfo do bem. Este é um desejo que todos temos: um poder político que tenha em conta e garanta estas coisas. Também Israel desejava ter um rei justo. No capítulo anterior ao do Evangelho deste Domingo vemos que tipo de rei é o Senhor: Ele entra em Jerusalém «*montado num jumentinho*» (Mt 21, 5), isto é, em vez do poder do *carro e do cavalo*, sinal dos poderosos deste mundo e do domínio da violência e do mais forte, Jesus opta por um sinal de humildade, de amor e de serviço. A nossa sociedade é

estratificada e o rei, aquele que detém a autoridade, representa o modelo ideal de homem. Qual é o nosso ideal de homem e de mulher?

A partir do Evangelho de hoje podemos ter uma perspetiva da relação entre o poder do «*jumentinho*» e o poder do «*cavalo*». Logo no início da passagem percebemos que a pergunta feita a Jesus é uma armadilha: *é lícito ou não pagar impostos a César?* Aparentemente, Jesus não tem saída. Se diz que sim, então o povo todo revolta-se contra Ele porque toma o partido dos romanos; se diz que não, os hero-

dianos acusam-No aos romanos de instigar a desobediência. É uma armadilha perfeita, à qual se segue uma resposta perfeita: *a cada um o de cada qual.*

Qual é o verdadeiro modelo de rei e, portanto, de homem e de mulher? Aquele que serve ou aquele que domina? O modelo da violência ou da mansidão? Está aqui em jogo a verdadeira imagem que temos do Homem. Na verdade, está em jogo, em primeiro lugar, a imagem que temos de Deus, à imagem de quem somos criados. Quem é verdadeiramente Deus para mim? Aquele que domina o Universo, tudo e todos, ou aquele que a todos serve e Se faz último? É aquele que nos tem todos na mão ou Aquele que se coloca nas mãos de cada um de nós? É isto que está em jogo. O que é uma vida realizada? A do violento triunfante ou a do manso e humilde de coração?

«De quem é esta imagem e esta inscrição?», pergunta Jesus, elevando uma moeda. Interessante notar que a imagem inscrita é a do poder político. Jesus não tem a moeda e tem de a pedir àqueles que O interrogam, os quais, estranhamente, a têm consigo, reconhecendo por isso o poder dos romanos. Na moeda está a imagem do poder que

domina e em Jesus a imagem de Deus. O poder dos homens, da força e da violência e o poder de Deus, do Cordeiro de Deus que vence a morte morrendo numa cruz.

«Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus». Jesus não propõe uma revolta anárquica: o seu reino está neste mundo, mas não é deste mundo. *Pagai os impostos*, diz-nos S. Paulo (Rm 13). Os impostos e as responsabilidades civis são para ser cumpridas, como convém a todo o bom cidadão, mas *dai a Deus o que é de Deus*. E o que é de Deus? DE DEUS É TUDO. Tudo é d'Ele. Cada um de nós, todo o mundo. Somos chamados a viver tudo com o Espírito de Deus, o Espírito que é Amor, humildade, dom. Num mundo dominado pela violência e onde o mais forte triunfa, somos chamados a testemunhar a humildade de Deus, a mansidão de Deus, o Amor de Deus. Jesus eleva a moeda, mostrando a imagem do poder do mais forte. Ao nosso lado, temos o nosso irmão, a nossa irmã onde está impressa a imagem de Deus. O domínio, a violência e a mentira pertencem a César, nós pertencemos a Deus! Podemos dar a César o que é d'Ele, mas nós somos de Deus.

Seg, 23 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM

Rom 4, 20-25 / Lc 1, 69-75 / Lc 12, 13-21

... de O servirmos um dia sem temor, (...) dos nossos inimigos. (Salmo)

Seria simpático servirmos Deus sem temor dos nossos inimigos. Assim será no Céu. Aqui na terra esta ausência de temor surge timidamente da relação que temos com Deus. Seremos como as crianças que, baseadas na experiência que têm com os pais, confiam neles absolutamente. Mas temos que ter esse passado. E vamo-lo tendo. Na nossa história pessoal com Deus. Hoje, percorra esse passado.

Ter, 24 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM

Rom 5, 12.15.17-21 / Slm 39 (40), 7-10.17 / Lc 12, 35-38

Não vos agradaram sacrifícios nem oblações, mas abristes-me os ouvidos. (Salmo)

A frequência com que Deus repete que não quer sacrifícios nem oblações, a insistência de Jesus na caridade estar acima da devoção e o que o nosso Papa também nos disse sobre os maus cristãos que vão à missa, devia fazer com que nós, de cada vez que rezamos ou vamos à missa ou a algum ato devocional, nos perguntássemos como é que vai a nossa caridade. (Hoje, não dou trabalho de casa ao leitor. Deixo ao seu critério.)

Qua, 25 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM

Rom 6, 12-18 / Slm 123 (124), 1-8 / Lc 12, 39-48

A quem muito foi dado muito será exigido. (Evang.)

Há certas situações em que não sabemos muito bem o que nos foi dado. Trabalhamos para um objetivo mas não sabemos se aquilo vai sair certo. Não sabemos se temos aquele dom mas temos de experimentar. Entregamo-nos, damos o nosso melhor, superamo-nos mesmo e, mesmo que não tenhamos vencido (verificado que temos o dom), ficou uma vitória interior, uma homenagem a Deus. E aí podemos descansar. Já demos o que nos era exigido: tentar. O leitor tenta?

Qui, 26 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM

Rom 6, 19-23 / Slm 1, 1-6 / Lc 12, 49-53

... mas antes se compraz na lei do Senhor. (Salmo)

A palavra «lei» tem, geralmente, uma conotação repressiva, de impedir ou de obrigar. Mas a lei de Deus é uma lei completamente aberta, de incentivo ao amor a Deus, ao próximo e ao próprio. Daí que o comprazimento nela seja possível e desejável. É uma lei que não oprime, uma lei que liberta, uma lei que expande quem a cumpre. O leitor atire-se bem para fora de si. Reze por isso.

Sex, 27 – SEMANA XXIX DO TEMPO COMUM

Rom 7, 18-25a / Slm 118 (119), 66.68.76-77.93-94 / Lc 12, 54-59

Hipócritas, se sabeis discernir o aspeto da terra e do céu, porque não sabeis discernir o tempo presente? (Evang.)

Parece que já então era preciso discernir os sinais dos tempos. Nós temos de discernir os sinais dos tempos e não ficarmos agarrados ao nosso tempo, ao antigamente. Temos é de ver o que o Evangelho, os documentos da Igreja, a nossa reflexão pessoal nos dizem face aos desafios que a sociedade, a nossa família, os nossos filhos e netos, as novas maneiras de «estar», as notícias, nos trazem.

Sáb, 28 – S. SIMÃO E S. JUDAS, APÓSTOLOS (Festa)

Ef 2, 19-22 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Lc 6, 12-19

Toda a multidão procurava tocar Jesus porque d'Ele saía uma força que a todos sarava. (Evang.)

De Deus sai uma força espiritual que nos cura. Que nos cura do nosso pecado. Temos de a pedir e colaborar com ela. E assim iremos crescendo. E estamos muito melhor que aquelas pessoas que Jesus curava, e mesmo a quem perdoava os pecados, porque agora Jesus não está de fora a curar-nos, mas «em nós» e nós «em Jesus» (Jo 14, 20). Hoje, o leitor contemple esta realidade mística de estar em Jesus e Jesus em si.

Dom, 29 – DOMINGO XXX DO TEMPO COMUM – Ano A

Ex 22, 20-26 / Slm 17 (18), 2-3.7.47.51ab / 1 Tes 1, 5c-10 / Mt 22, 34-40

«Ama e faz o que quiseres», diz-nos Santo Agostinho.

O Evangelho deste Domingo dá-nos o duplo mandamento do Amor: «Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu espírito» e «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». Mas, e que significa amar? O que é amar a Deus? O que é amar outra pessoa?

Deus é Amor e nós somos criados à imagem e semelhança de Deus. Isto quer dizer que somos *imagem e semelhança* do Amor e que, portanto, é amando que realizamos o que somos. O desejo de sermos felizes, realizados, de termos uma vida plena e abundante não se realiza necessariamente se tivermos tudo o que desejamos. Até repetimos muitas vezes que não são as coisas que trazem a felicidade, mas às vezes podemos não compreender porquê. Recordemos que não somos criados à imagem e semelhança das coisas, do poder ou do dinheiro, mas do Amor. A vida feliz realiza-se na capacidade de nos metermos nas mãos do Pai e dos irmãos por Amor.

Deus, que é amor e porque é amor, não pode ser contido, isto

é, compreendido com a razão; mas Ele, que é infinito, pode ser contido pelo coração, pela nossa capacidade divina de Amar. Amar é ter o outro no coração. Somos criados para isto: ter o Outro no coração e fazer da vida de Deus a nossa vida, da vida de Cristo a nossa vida. O amor não tem só a ver com o coração ou com a razão, mas manifesta-se, antes de mais, na alegria pelo bem do outro. O contrário do Amor é a inveja, que faz de nós mesquinhos porque desejamos o bem que o outro tem e, por ciúme, faz com que desejemos que o outro não esteja bem, ou que, pelo menos, nós estejamos melhor.

O Amor realiza-se com as mãos: diz S. João que o amor se manifesta mais nos atos do que nas palavras, que é pelas ações que se reconhece o amor. Aquilo que somos manifesta-se verdadeiramente no modo como agimos. Por isso é tão importante este duplo mandamento do Amor, porque é a realização do que somos. É amando o Pai e os irmãos que em nós se realiza o que somos: *filhos de Deus*. É amando que a nossa identidade se realiza. Esta não é mais

uma lei que temos de cumprir para juntar a todos os preceitos. Diz S. Paulo que o Amor é o cumprimento de toda a lei. Somos chamados a fazer da nossa vida manifestação do Amor porque é amando que se revela o nosso ser mais profundo. Só amando podemos descobrir quem é Deus, porque só quem se descobriu amado conhece Deus. Podemos até ser moralmente

impecáveis e cumprir todos os preceitos e, mesmo assim, não conhecer Deus, porque Ele não é cumprimento de preceitos, mas é Amor.

O amor recíproco, o procurar o bem do outro antes do meu próprio bem, é o sinal distintivo do cristão: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

Seg, 30 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM

Rom 8, 12-17 / Slm 67 (68), 2.4.6.7.20.21 / Lc 13, 10-17

Todos os seus adversários ficaram envergonhados e a multidão alegrava-se com todas as maravilhas que Ele realizava. (Evang.)

Temos de absorver com humildade o que nos acontece de glorioso. Quer dizer, absorvê-lo com Deus para que a sensação de alegria entre dentro de nós santamente. A glória corre o risco de nos fechar sobre nós próprios, dá-nos uma sensação de autossuficiência. Temos de andar sempre com Deus. Deus não pode ser um departamento na nossa vida. Deus é a nossa vida toda. Deus é maior que tudo. O leitor medite nisso.

Ter, 31 – SEMANA XXX DO TEMPO COMUM

Rom 8, 18-25 / Slm 125 (126), 1-6 / Lc 13, 18-21

Quando o Senhor fez regressar os cativos (...), parecia-nos viver um sonho. (Salmo)

Como quando nos libertámos daquele pecado que nos prendia há anos! Deus é capaz de nos libertar dos nossos pecados. A mediação de Nossa Senhora também é muito poderosa. Os milagres acontecem. Não podemos é desistir de rezar, de pedir a Nossa Senhora. Hoje, o leitor fale com Nossa Senhora daquele pecado que o atormenta há algum (muito?) tempo.